

## TRANSCRIÇÃO - Papo em Pauta

### Ep. 1 | Temp. 1. "O que são os ódios contemporâneos? (Prof. Ettore Medeiros)

#### VINHETA - PAPO EM PAUTA

**(0:08) Maria Eduarda Abreu (narração complementar):** Você está ouvindo o projeto Papo em Pauta, ciclo de conversas sobre cultura, cidadania e bem-estar. Uma parceria entre o Espaço do Conhecimento UFMG, o Instituto Unimed-BH e a Cemig.

**(0:19) Maria Eduarda Abreu (narração complementar):** No episódio de hoje: o que são os ódios contemporâneos?

**(0:23) Fernando Silva (apresentador):** Olá, pessoas! Como vocês perceberam, esse é um programa complementar no feed do Pílulas do Conhecimento. Um projeto especial, com convidados, que terá quatro episódios liberados mensalmente nesta primeira temporada. Eu sou o Fernando Silva, relações-públicas e assessor de comunicação do Espaço do Conhecimento UFMG.

**(0:38) Ana Gonçalves (apresentadora):** Eu sou a Ana Gonçalves, graduanda em relações públicas e assistente de comunicação do Espaço do Conhecimento.

**(0:44) Fernando Silva (apresentador):** "Sim, você odeia!"... esse é o título do novo livro de Ettore Medeiros, convidado do Papo em Pauta deste mês, que vai conversar com a gente sobre ódios contemporâneos e os caminhos possíveis para tornar o mundo um lugar menos odioso.

**(0:57) Ettore Medeiros (convidado):** Olá, pessoal! Tudo bem com vocês? Prazer, o meu nome é Ettore Stefani de Medeiros. Eu sou uma pessoa branca, viada, tenho 32 anos, 1,78 de altura. O meu cabelo é castanho escuro, liso e curto.

**(1:13) Ettore Medeiros (convidado):** Eu tenho uma franja em formato de onda. Eu levo óculos redondo, *piercing* de argola no nariz e brinco de argola na orelha esquerda. Levo barba também e, nesse exato momento, eu estou vestindo uma blusa de moletom azul-marinho, uma bermuda branca e laranja listrada e um *All-Star*.

**(1:33) Ettore Medeiros (convidado):** Vou repetir meu nome, porque normalmente as pessoas não entendem meu nome de primeira, o que é muito esperado porque o meu nome é muito estranho. O meu nome é Ettore e eu costumo dizer que Ettore não é hétero. Eu sou de Sorocaba, interior de São Paulo, me mudei para o Rio Grande do Sul para fazer faculdade de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, na Universidade Federal de Santa Maria.

**(1:54) Ettore Medeiros (convidado):** Depois fui para o mestrado, vim para Belo Horizonte — atualmente eu moro em BH — e fiz aqui o meu mestrado e meu doutorado em Comunicação Social, na Universidade Federal de Minas Gerais. E, além disso, eu também tenho formação em nível de especialização MBA. Eu tenho MBA em Marketing Digital pelo IGTI; Educação Inclusiva pela Descomplica/Faculdade Digital; Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa, também pela Descomplica/Faculdade Digital. Atuo há dez anos na área de Comunicação Digital e de Gestão de Marcas e nos últimos seis anos também tenho me dedicado à carreira de docente. Então, eu dou aula no ensino superior, em cursos de graduação e de pós-graduação, de publicidade, negócios, diversidade e inclusão, marketing e *branding*.

**(2:39) Ettore Medeiros (convidado):** Mas o meu foco considerável é voltado para a parte de Comunicação Digital e Diversidade e Inclusão, principalmente pautas LGBTQIAPN+. Eu também coordeno uma Pós que se chama Gestão de Diversidade e Inclusão nas Organizações, na PUC Minas. E para além dessas questões mais lattes e currículo, eu sou uma pessoa que ama sushi. Amo camisas e shorts com estampas divertidas e amo também séries de ficção científica.

**(3:13) Ana Gonçalves (apresentadora):** “Sim, você odeia!: uma reflexão sobre os ódios contemporâneos que nós praticamos” é o segundo livro de Ettore, publicado em 2023, pela editora Dialética, como um desdobramento de sua tese de doutorado na UFMG. E para iniciarmos de fato a nossa conversa, vale ressaltar uma primeira questão fundamental: como os ódios se potencializam no contexto contemporâneo?

**(3:29) Ettore Medeiros (convidado):** Quando eu estou falando sobre os ódios, são ódios direcionados a grupos e a pessoas e não ódio à uma cor, “ah, eu odeio a cor verde”, ou ódio à uma comida, “nossa, eu odeio comer verdura”. Não é esse tipo de ódio que eu estou me referindo aqui.

**(3:45) Ettore Medeiros (convidado):** Aqui, eu estou falando sobre ódios de pessoas que odeiam outras pessoas ou outros grupos por não conseguirem estabelecer uma relação em comum com essas pessoas. E muitas vezes esses ódios — boa parte das vezes — são fundamentados em preconceitos ou vieses inconscientes, que a gente chama.

**(4:04) Ettore Medeiros (convidado):** Tem um capítulo do meu livro que fala exatamente sobre isso. Como existe uma ligação entre os ódios contemporâneos e a lógica atual das plataformas de mídias sociais, das plataformas digitais como um todo e também da internet. A gente pode falar sobre várias camadas que o digital traz de tornar essa trama odiosa mais difícil, mais complexa. Hoje, a gente sabe que as pessoas comuns também podem falar abertamente sobre o que elas sentem e alcançar várias pessoas. Quando a gente está falando sobre as plataformas de mídias sociais, pessoas comuns, gente como a gente, podem ter um alto alcance. Então existe uma certa horizontalização da comunicação.

**(4:45) Ettore Medeiros (convidado):** Não é uma horizontalização total, existem ainda várias comunicações verticalizadas, inclusive na internet, mas existe uma maior horizontalização. Palavra difícil de falar, né? Ficou mais horizontal e isso fez com que pessoas comuns pudessem dizer dos ódios delas. Falar sobre os ódios e encontrar outras pessoas distantes, muitas vezes em nível geográfico, que compactuam com os ódios delas. Então, se antes a gente ouvia algum tipo de familiar fazendo uma piada racista, machista ou homofóbica, hoje essas pessoas podem formar uma comunidade dentro do Instagram, do TikTok, do Facebook e até mesmo do LinkedIn.

**(5:23) Ettore Medeiros (convidado):** Então, uma pessoa que está em Florianópolis, que tem um tipo de ódio, pode se encontrar digitalmente com uma pessoa que está lá no Macapá e compactuar em nível de valores. A gente vive “filtros bolha” ou “filtros invisíveis”. Quanto mais a gente fala sobre um tema ou procura sobre um tema, mais aquele conteúdo volta pra gente. Se hoje você buscar algo assim no Instagram: “veganismo”, você vai ver que, de repente, vai começar a aparecer só coisa de veganismo para você.

**(5:52) Ettore Medeiros (convidado):** Você vai no TikTok, vai aparecer só coisa de veganismo. No Facebook também e no YouTube também... porque existem algoritmos — mecanismos que

identificam qual é o conteúdo que você está buscando naquele momento, que mais te interessa e que, logo, mais te deixa permanecendo na plataforma e aí só mostra isso para você.

**(6:11) Ettore Medeiros (convidado):** Então é uma lógica muito monotemática. E aí as pessoas não trocam muito entre si porque, se você só procura sobre veganismo, só vai aparecer esse conteúdo sobre veganismo, você só vai receber conteúdo de pessoas que também falam sobre veganismo e que pensam como você.

**(6:26) Ettore Medeiros (convidado):** Pensa na lógica do ódio. Se tem um monte de gente que só consome conteúdo de racismo, certo? Aí existem pessoas que só vão receber conteúdos de racismo, que vão se reunir em comunidade e isso vai facilitando a propagação do ódio, o que é muito triste.

**(6:42) Fernando Silva (apresentador):** Partindo de um trabalho conjunto, em diálogo com outros pesquisadores e bibliografias, Ettore conta o que diferencia os ódios contemporâneos dos ódios considerados tradicionais.

**(6:52) Ettore Medeiros (convidado):** Eu entendo que os ódios contemporâneos, e não só eu, certo? São várias pessoas que eu utilizo ali, com quem eu dialogo na tese e no livro. Então, quando eu falo “eu”, eu nunca estou só, sempre existem outros intelectuais que estão conversando comigo.

**(7:07) Ettore Medeiros (convidado):** Os ódios contemporâneos são os ódios que estão acontecendo agora, certo? Mas, para além disso, o contemporâneo também diz respeito a questões envolvendo o digital e as múltiplas crises que a gente está vivendo desde a metade do século passado. Então a gente começa a pensar em crise econômica, em crise sanitária, em crise política. A gente vê também o neoliberalismo tomando conta, principalmente no final do século passado até hoje.

**(7:35) Ettore Medeiros (convidado):** A gente vê a polarização política muito forte e todos esses movimentos vão fazendo com que os ódios se tornem proeminentes e se propaguem com maior facilidade também. Então, a gente pode falar que os ódios contemporâneos têm muita ligação com uma perspectiva de individualismo que a gente vive hoje, de pensar no próprio umbigo ou nas pessoas que representam aquele “umbigo”.

**(8:02) Ettore Medeiros (convidado):** E tem uma dificuldade de desenvolver uma postura mais solidária, mais empática e de alteridade que olha para as outras pessoas, entende que há ali algo em comum. Então, o que está na base dos ódios contemporâneos – eu falo na minha tese, a partir de Hannah Arendt – é a incapacidade de estabelecer um “em comum” com a outra parte. Se a gente for pensar, na verdade, todo mundo tem algo em comum com outra pessoa ou com outros grupos.

**(8:27) Ana Gonçalves (apresentadora):** Dando início ao diálogo sobre as possibilidades de um mundo menos odioso, Ettore defende o papel de uma educação anti odiosa, que possa extrapolar a formação em nível técnico e formar as pessoas em nível ético.

**(8:38) Ettore Medeiros (convidado):** Todas as instituições e todas as organizações estão inseridas na sociedade. E para dialogarem com os diferentes públicos, elas precisam ter um entendimento contextual muito forte.

**(8:50) Ettore Medeiros (convidado):** Quando a gente está falando sobre organização e sobre instituição, não tem como pensar de forma apartada. As instituições não estão em Marte nem na Lua, elas estão aqui e agora, com as pessoas daqui. Com as problemáticas, o sofrimento, as tristezas, os sonhos, os desejos e as necessidades das pessoas de agora.

**(9:07) Ettore Medeiros (convidado):** Ou seja, é muito importante que toda instituição tenha um olhar social. Porque se as pessoas não estão bem socialmente, como é que elas vão conseguir estabelecer uma boa relação com as instituições? Não tem como. E aí eu vou falar sobre Paulo Freire, que fala sobre uma educação não bancária e também pensa que a educação extrapola aquela ideia de ensino.

**(9:28) Ettore Medeiros (convidado):** Educação a gente aprende na família, na mídia, na escola, no ambiente político, nas instituições religiosas. Então, para mim, o modo para a gente conseguir criar um mundo menos odioso e, de modo mais ideal, anti odioso é investir em uma educação anti odiosa. E quando eu estou falando sobre educação anti odiosa não é só no sentido de dar aula.

**(9:50) Ettore Medeiros (convidado):** Essa visão, que até Paulo Freire chamava de educação bancária, não é no sentido de formar as pessoas em nível técnico, exclusivamente. É formar as pessoas em nível ético, em nível humano e em nível social. Então, todas as instituições, por estarem inseridas na sociedade, devem pensar socialmente para que a sociedade melhore, certo?

## **(10:12) TRILHA SONORA**

**(10:29) Fernando Silva (apresentador):** Os ódios costumam estar muito relacionados a indivíduos ou grupos vistos como "malvados" ou "cruéis". Mas... será que no contexto contemporâneo também é assim?

**(10:38) Ettore Medeiros (convidado):** Os ódios são mais comuns do que a gente imagina e estão mais presentes na nossa vida cotidiana do que a gente pressupõe. Penso que o ódio não é aquela coisa "nossa, que horrível e ruim". O ódio existe. Ele está em mim. Ele está em você. Sim, você odeia. Sim, eu odeio também. Então, o ódio tem a dificuldade, como eu já falei, de estabelecer um "em comum" entre você ou nós e a outra parte ou as outras pessoas, certo?

**(11:12) Ettore Medeiros (convidado):** Tem essa lógica de dicotomizar, ou seja, de pensar eu que sou do bem e aquele grupo ou aquela pessoa que é do mal. Só que na verdade, a gente tem semelhanças também em formas odiosas. E os ódios não são só um soco, uma palavra muito forte ou um palavrão que dói na alma. Os ódios têm maneiras mais sutis, mais disfarçadas de se manifestarem. Existe ódio em forma de desdém; existe ódio em forma de indiferença; existe ódio em forma de raiva e existem diferentes gradações do ódio.

**(11:46) Ettore Medeiros (convidado):** Eu vou dar um exemplo: quando você está dentro do carro, ou você está com alguém dentro do carro, e passa uma pessoa fazendo uma "barbearagem" — alguma coisa muito ruim no trânsito — e você ou a outra pessoa pensa ou diz "ai, tenho certeza que é mulher". O que tem nesse comentário? Uma inferiorização.

**(12:03) Ettore Medeiros (convidado):** O ódio também se sustenta a partir da inferiorização, ou seja, há um pressuposto de que mulheres não dirigem bem. Mas de onde é tirado isso? Isso é um pré-conceito, uma manifestação de ódio. Talvez não seja uma manifestação de ódio brutal, aquela coisa intensa. Mas passa por uma gradação do ódio.

**(12:23) Ettore Medeiros (convidado):** Você já esteve andando na rua e tinha no mesmo lado da calçada uma pessoa negra? E você atravessou a rua porque sentiu uma situação de insegurança? Isso é um ódio também e você não teve que falar sobre isso. Muitas vezes você nem pensou que isso estava acontecendo, você só atravessou a rua como um reflexo. Isso também pressupõe um ódio, um medo das pessoas negras, como se elas representassem algum perigo. E aí a pergunta é, se fosse uma pessoa branca, você teria atravessado a rua?

**(12:50) Ana Gonçalves (apresentadora):** Segundo Ettore, a autorreflexão também está atrelada a um dos maiores obstáculos que enfrentamos ao lidar com os ódios no dia a dia: reconhecer que odiamos e que somos odiosos.

**(13:01) Ettore Medeiros (convidado):** A autorreflexão é super importante para que a gente construa um mundo menos odioso e anti odioso. É a gente olhar para si, tentando entender, “por que eu realizei essa ação, que pode ser vista como preconceituosa ou odiosa? Por que eu estou pensando de forma limitante a respeito de tal pessoa ou de tal grupo?”

**(13:22) Ettore Medeiros (convidado):** É a gente simplesmente conseguir olhar os nossos pensamentos. Não é pensar e deixar o pensamento dominar. É a gente pensar sobre os nossos pensamentos também. Entrar em uma onda de reflexão e cogitar: “será que eu estou desenvolvendo algum tipo de ódio? Por que eu estou fazendo isso? De onde vem isso? Isso é só meu? Isso tem alguma origem sociocultural e histórica?”.

**(13:46) Ettore Medeiros (convidado):** E então esse é um momento de transição para mim. No meu livro, eu faço muito isso: pensar o que eu quero melhorar em mim — porque eu não quero ser uma pessoa odiosa. E para não ser uma pessoa odiosa, eu preciso entrar nesse processo de reflexão sobre o todo e de autorreflexão.

**(14:05) Fernando Silva (apresentador):** Em grande parte das vezes também relacionamos o ódio a manifestações expansivas, raivosas, barulhentas e furiosas. Mas, a aversão e a indiferença também se apresentam como formas de ódios contemporâneos.

**(14:18) Ettore Medeiros (convidado):** Um exemplo muito bom é quando a gente começa a falar sobre os direitos de pessoas LGBTQIAPN+. Tem pessoas que acham que não precisa e pensam “todo mundo é igual. Para que ter direito LGBTQIAPN+?” É uma certa ideia de indiferença.

**(14:34) Ettore Medeiros (convidado):** Mas ó, vamos pensar. Lá na Constituição — acho que no quinto artigo — está escrito: todo mundo é igual perante a lei. Tá. Mas todo mundo tem acesso à cultura do mesmo jeito? Todo mundo tem acesso à água encanada e água potável do mesmo jeito? Todo mundo tem direito a não passar frio numa noite com temperatura abaixo de 10°C? Todo mundo tem direito à educação? Pela lei, sim. Na prática, não. Na prática a gente não tem. Então, a população LGBTQIAPN+, e outros grupos minorizados, teoricamente tem os mesmos direitos, mas na prática isso não acontece.

**(15:08) Ettore Medeiros (convidado):** É muito notável quando alguém vem falar, “não, todo mundo já tem *[os mesmos direitos]*”, que é uma ideia de indiferença. É uma ideia de “ah, para que aquele grupo vai querer conquistar isso?”. Isso é uma expressão de ódio também e até uma aversão.

**(15:20) Ettore Medeiros (convidado):** Quando a gente pode falar sobre linguagem neutra, que é um tema super polêmico hoje em dia, em que, ao invés de falar todos, a gente fala todas as pessoas. Então, ao invés de falar “bom dia a todos”, eu posso falar “bom dia a todas as pessoas aqui presentes”. E tem gente que acha que isso é um absurdo. Só que existem pessoas não binárias que não se consideram exclusivamente homens nem exclusivamente mulheres e que não se sentem incluídas na língua portuguesa.

**(15:47) Ettore Medeiros (convidado):** E quando eu falo “nossa, que absurdo, estão querendo mudar o português”. Será que a preocupação é realmente com o português? Porque se a gente for pensar, boa parte das pessoas não sabe escrever no português 100% culto. Eu não sei escrever no português 100% culto. Às vezes a gente erra, às vezes a gente não sabe de todas as regras. Será que a preocupação de não usar a linguagem neutra é exclusivamente por causa do português? Será que, aliás, é por conta do português em alguma medida? Ou é porque não querem que as pessoas não binárias tenham esse direito?

**(16:21) Ana Gonçalves (apresentadora):** De acordo com dados da Safernet - associação civil, sem fins lucrativos, que visa promover o uso ético, cidadão, responsável e seguro da internet, com foco nos direitos humanos - em 2022, mais de 74 mil denúncias de crimes envolvendo discursos de ódio na internet foram registradas. Diante desse cenário, devemos refletir sobre as possibilidades de contribuir efetivamente para a construção de um mundo menos odioso.

**(16:48) Ettore Medeiros (convidado):** Em nível social, eu já dei algumas pistas do que eu acredito que é interessante: uma educação anti odiosa. E isso passa por entender a educação para além dos ambientes de ensino que são clássicos. Então, a gente precisa ter uma educação anti odiosa nos lares, nas instituições familiares, nas instituições religiosas, na vida política. Quando a gente vai para o Congresso, é um absurdo o que a gente vê ali de cultura odiosa. E quando eu digo odiosa, não é uma postura que não pode ser aguerrida. Existem várias posturas que são aguerridas, que tem um lado de agressividade e ainda assim não são odiosas. Isso é bem importante de dizer.

**(17:27) Ettore Medeiros (convidado):** Um comportamento odioso ou uma fala que tem uma dimensão odiosa é quando existe um desejo de inferiorização daquela outra pessoa ou grupo. Quando existe um desejo de não aplicar as regras, os combinados e os acordos da democracia. Quando existe uma dificuldade de estabelecer um “em comum” com a outra parte. Então, a gente pode falar também sobre essas instituições do direito formal. A gente pode falar do legislativo, da política partidária.

**(17:57) Ettore Medeiros (convidado):** Os próprios ambientes da educação formal e como essa educação deve também estar presente nas organizações e no dia a dia de trabalho das pessoas. Também, a gente está vendo agora um aumento das discussões e das pautas de diversidade e inclusão nas organizações, que ainda está muito aquém do que deveria estar, mas já é um avanço.

**(18:16) Ettore Medeiros (convidado):** Então, pra mim, a educação anti odiosa é um dos caminhos principais. A gente também pode recorrer a formas mais institucionais e legais de avançar nessa pauta, mas a gente também pode pensar em formas de agências, que são mais microsociais.

**(18:34) Ettore Medeiros (convidado):** A gente pode recorrer a uma linguagem de deboche para enfrentar o ódio. O filho do Maurício de Sousa, o Mauro, tem vários vídeos dele que as pessoas são odiosas e homofóbicas porque ele é gay. E ele desenvolve umas respostas em forma de música, super debochadas e interessantes.

**(18:52) Ettore Medeiros (convidado):** Então, podemos pegar os nomes que nos chamam e falam de um jeito ruim e a gente responde “não, eu sou esse nome mesmo, eu tenho muito orgulho”. Você reparou que, lá no início dessa conversa, eu me chamei de pessoa viada? Viada durante muito tempo foi um termo que me estigmatizou. E hoje eu falo “não, eu vou pegar esse termo e vou reorientar”. Não considero um termo mais odioso. É um termo de orgulho pra mim.

**(19:11) Ettore Medeiros (convidado):** Às vezes, ignorar o ódio ou não se sentir afetado pelo ódio, que é uma coisa difícil, pode ser uma ótima resposta para uma cultura odiosa. Porque se alguém fica falando um monte de coisa odiosa para você e você ignora, essa pessoa vai pensar “nossa, eu estou falando só, ninguém está me ouvindo e não está surtindo efeito”. Então, os discursos de ódio podem não funcionar, né? Além da autorreflexão que a gente falou e também uma não cumplicidade com os ódios. Tem um capítulo do livro que eu falo exatamente sobre isso de não desenvolver cumplicidade. Se a gente vê uma postura odiosa, a gente se posiciona o quanto puder, mesmo que aquilo não esteja nos afetando, como uma forma de pensar no coletivo.

### **(19:50) TRILHA SONORA**

**(19:53) Ettore Medeiros (convidado):** Eu gostei muito de estar aqui com vocês. Muito obrigado pela oportunidade de falar sobre esse assunto que eu amo. Apesar de ser odioso, porque o ódio é odioso, eu queria agradecer imensamente. Se vocês quiserem me acompanhar também nas minhas mídias sociais e adquirirem o livro. Meu Instagram é @ettoreprofe e meu LinkedIn é Ettore Medeiros, a gente continua essa conversa por lá. Au revoir! Muito obrigado, gente. Tchau, tchau!

**(20:25) Maria Eduarda Abreu (narração complementar):** Estabelecidos pela Organização das Nações Unidas, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODS, visam um compromisso social, natural e econômico com o futuro na agenda 2030. Ao falarmos de formas de combate aos ódios contemporâneos, compreendemos a importância de ações aliadas ao décimo objetivo, Redução de Desigualdades, que possui como mote reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.

**(20:50) Fernando Silva (apresentador):** Esse foi mais um Papo em Pauta, programa mensal veiculado no feed do Pílulas. Avalie o perfil do programa e acompanhe o Espaço em todas as redes sociais (@espacoufmg).

**(20:59) Ana Gonçalves (apresentadora):** Este episódio foi escrito e apresentado por Ana Gonçalves e Fernando Silva. Os trabalhos de áudio foram feitos por Sarah Lima e Fernando Silva. Vinheta: Gabriel Barcelos. Narrações complementares: Maria Eduarda Abreu.